

O CONTEXTO ESCOLAR NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Autora: Ms. Gizelle Honorato Pinheiro Gondim

O atual momento histórico nos traz questionamentos os mais diversificados no campo da Educação. Conseqüentemente surge à necessidade de explicação dos fenômenos vivenciados pela nossa sociedade, pelo nosso sistema escolar, que trazem à tona a seguinte questão: Que tipo de influências e de interesses capitalistas estão expostos os ambientes escolares? Como educadores estamos promovendo através da comunicação a autonomia, a percepção crítica e o desenvolvimento humano dos educandos?

O processo de modernização/capitalismo fez prevalecer em nossa sociedade uma forma de racionalidade: a racionalidade instrumental. Essa racionalidade define-se pela relação: meios-fins, ou seja, pela organização de meios adequados atingiremos determinados objetivos.

A educação está sendo convocada a focar as exigências do mercado, como por exemplo, a educação profissionalizante, os cursos seqüenciais e os cursos tecnológicos, que são graduações direcionadas às organizações. Isso faz com que a educação abandone sua tarefa primordial de pensar o ser humano e a sociedade como um todo, gerando conflitos de integração social e de desenvolvimento das capacidades individuais quando não se relacionam aos interesses das organizações.

Na educação formal ainda prevalece a racionalidade dominante, voltada a adaptar o indivíduo às expectativas do sistema e ao mercado. Perde-se a visão holística do homem e privilegia-se o cognitivo e o instrumental em detrimento das demais dimensões humanas.

Diante dessa realidade, sugiro repensarmos o processo educacional dentro de uma racionalidade voltada ao entendimento, assentada na intersubjetividade. Não devemos negar a importância do cognitivo-instrumental, mas correlacioná-lo a uma visão holística e integral do ser humano; revertermos à imagem do homem/poder/dinheiro que passou a preencher a educação e revertermos o modelo escolar que se encontra voltado ao êxito e não voltado ao entendimento.

Critico e procuro salvar a razão da perplexidade e do pessimismo, buscando superar as oposições que transpassam a cultura contemporânea, que "modernidade *versus* pós-modernidade, racionalismo *versus* relativismo, universalismo *versus* contextualismo, subjetivismo *versus* objetivismo".

Se desejamos ser uma sociedade de pessoas livres e iguais, autoras das normas que regulam nossas vidas, possuímos uma educação igualitária, humana, justa, ética, crítica e criativa, devemos nos atentar que sem voz, sem linguagem, sem comunicação não existe pensamento, e com isso não existe sociedade e cidadão emancipado.

A subjetividade do indivíduo não é construída através de um ato solitário de auto-reflexão, mas, sim, é resultante de um processo de formação que se dá em uma complexa rede de interações. A interação social é, ao menos potencialmente, uma interação dialógica, comunicativa. O capitalismo facilitou a penetração da racionalidade instrumental no âmbito da ação humana interativa e gerou, no homem contemporâneo, formas de sentir, pensar e agir fundadas no individualismo, no isolamento, na competição, no cálculo e no rendimento, que estão na base dos problemas sociais.

A sociedade brasileira vive um momento de profunda crise. A ideologia do neoliberalismo, desencarregando o Estado da sua responsabilidade social, e a rápida capitalização externa do país traz consigo inúmeros custos sociais. Convivemos diariamente com a violência, a miséria e o desemprego, e, muitas vezes, um sentimento de perplexidade e impotência nos invade.

Como educadores precisamos acreditar em possibilidades de mudança, e, no âmbito de nossa ação profissional, tentar abrir espaços para a emergência de uma nova racionalidade, que favoreça a reconstrução da sociedade e a reinvenção da cultura. Esse processo somente será viável no desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social, que embase ações que visem ao bem coletivo, isto é, que tenham por objetivo a criação de possibilidades de vida a todos, incluindo as gerações futuras.

Nessa perspectiva, a escola apresenta-se como o espaço, ao ser desenvolvido sistematicamente processos de comunicação/interação que coincidem com os objetivos de uma educação que visa à formação de indivíduos críticos e participativos.

O processo de comunicação que visa ao entendimento mútuo está na base de toda a interação, pois somente uma argumentação em forma de discurso permite o acordo de indivíduos quanto à validade das proposições ou à legitimidade das normas. Por outro lado, o discurso pressupõe a interação, isto é, a participação de pessoas que se comunicam livremente e em situação de simetria.

A educação depende de uma sociedade moderna que promova processos argumentativos.

Em uma perspectiva pedagógica, pode-se instaurar uma nova forma de compreensão da formação humana, fundamentada na prática comunicativa cotidiana.

*Gizelle Honorato Pinheiro Gondim, Professora de Psicologia da FARA (Faculdade Araguaia), Professora da Educação Infantil da SME (Secretaria Municipal de Educação), Psicóloga Organizacional, Educacional e Clínica - CRP GO-TO 09/3139, Especialista em Recursos Humanos, Especialista e Perita em Avaliação Psicológica, Mestra em Educação.
[E-mail:gizellehpg@hotmail.com](mailto:gizellehpg@hotmail.com)